

RECICLAGEM em debate



**PROJETOS E PARCERIAS DO
CAMP NA ÁREA DA RECICLAGEM**



APRESENTAÇÃO

É com alegria e muita responsabilidade que o CAMP, em parceria com a Christian Aid¹, apresenta esta produção. Ela encerra um esforço coletivo de reflexão sobre nossa prática recente, qual seja, a parceria entre o trabalho político e pedagógico das ONGs e as ações sociais da iniciativa privada.

Não foi com pouco receio que o CAMP entrou neste processo. A decisão foi resultado de profunda discussão ocorrida em duas assembleias gerais dos sócios da entidade. E não foram poupados argumentos contra ou a favor, sempre num clima fraterno, mas profundamente crítico. No entanto, a decisão final foi por consenso, já que havia questões importantes a serem levadas em conta.

Primeiro, o Projeto Rede de Parceria Social havia sido organizado com base na Lei da Solidariedade de iniciativa do então Governo Olívio Dutra (PT). Essa lei deixa muito claro que os recursos da renúncia fiscal não deixam de ser públicos e precisam ser direcionados para fins e projetos coerentes com a inclusão social. A regulamentação dessa lei foi realizada pelo Governo Germano Rigotto (PMDB), o que permitiu uma ampliação da adesão para os setores privados. E, finalmente, a sua implementação deu-se durante o Governo Yeda Crusius (PSDB), quando setores do grande capital aderem de forma significativa ao Projeto, destinando recursos para sua realização em áreas importantes como o meio ambiente, a criança e o adolescente e a reciclagem. Uma política de estado, e não de governo.

A parceria do CAMP com instituições do setor privado era para gerir, da melhor forma, recursos públicos. Mais que isso, as normas proibiam que as empresas vinculassem seus produtos aos projetos, evitando assim uma publicidade indireta. Da nossa parte, a entidade dialogou antecipadamente com as lideranças dos movimentos de catadores e recicladores para saber de sua opinião política sobre a parceria. Essa foi assentida como positiva porque, além de dar acesso a novos recursos financeiros por parte desses atores, haveria um ator de confiança na intermediação metodológica.

Dessa forma, inicia-se o trabalho do CAMP em parceria, inicialmente, com a Fundação Vonpar², depois com a Braskem, para apoiar com recursos financeiros, assessoria, planejamento e coleta de dados e informações mais de 38 galpões de reciclagem, cerca de 700 trabalhadores e trabalhadoras com seus mais de 350 filhos e filhas.



■ Mauri Cruz

“O CAMP demonstrou ter um profundo conhecimento da metodologia de educação popular e, principalmente, de sua eficácia para organizar e fazer avançar processos de construção coletiva com grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade.”

Embora os papéis do setor privado e do CAMP fossem distintos, todo o processo de construção da metodologia política, da dinâmica e dos procedimentos foram construídos em conjunto. Houve, nesses anos, um aprendizado coletivo em que o CAMP demonstrou ter um profundo conhecimento da metodologia de educação popular e, principalmente, de sua eficácia para organizar e fazer avançar processos de construção coletiva com grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade.

Além disso, a organização e dinâmica empresarial contribuíram de forma significativa para o aprimoramento interno dos galpões de reciclagem, nossas unidades populares de reciclagem. A postura empresarial forçou os segmentos populares a enxergarem que era possível melhorar seus processos e procedimentos. A troca de conhecimento, empírico por parte dos trabalhadores e trabalhadoras e científico por parte dos profissionais da Fundação Vonpar e da Braskem, possibilitou novas sínteses e avanços, onde todos aprenderam e enriqueceram sua experiência. Os resultados políticos, organizativos e de elevação das condições de vida dos trabalhadores e trabalhadoras estão expressos nos *Relatórios Anuais* que podem ser encontrados no site do CAMP.

Essa experiência está muito bem retratada neste caderno de depoimentos, entrevistas e artigos produzidos pelos protagonistas dessa história. Não cabe aqui antecipar o que será apresentado nas próximas páginas, mas apenas referir que, nesse meio-tempo, a legislação evoluiu, os recursos financeiros se ampliaram e cada um deu seguimento ao seu caminho. É importante dizer também que o CAMP se orgulha de ter tido a coragem de participar dessa experiência. Atualmente, nossa atuação com o setor privado é residual. No entanto, mantém-se uma linha de parceria para ações específicas. Construiu-se um elo de confiança entre as pessoas envolvidas e a certeza de que as diferenças, quando há respeito e objetivos comuns, não são empecilhos para a realização de projetos exitosos.

Boa leitura e reflexão a tod@s.

1 Este documento somente foi possível com o apoio da Christian Aid – www.christianaid.org.uk –, que acompanha o CAMP há mais de 27 anos, a quem agradecemos sinceramente.

2 Depois, em 2010, a Fundação Vonpar foi substituída pelo Instituto Vonpar.

EXPEDIENTE

Vento Sul – Caderno nº 4 – Reciclagem em Debate
é uma publicação do Camp – Centro de Assessoria
Multiprofissional

CAMP

Conselho Diretor

Bernadete Maria Konzen
Domingos Antônio Armani
Jairo Santos Silva Carneiro
Mauri José Vieira Cruz

Secretária Executiva

Daniela Tolfo

Coordenador do Projeto

Alessandro Luiz Alves Soares

Coordenador da Equipe Pedagógica

João Werlang

Educadores

Jacqueline Salvatori Virti
Sérgio Nunes Paiva

Organização da Publicação

Emerson Alves – Reg. MTB: 10.645
Mauri José Vieira Cruz

Fotografias

Mathias Cramer
Acervo Instituto VONPAR
Acervo CAMP

Revisão Textual

Caren Capaverde

Projeto Gráfico e Diagramação

Beto Fagundes

CAMP – Centro de Assessoria Multiprofissional

Praça Parobé, 130 | 9º andar
CEP 90030-170 | Porto Alegre-RS
Fone/Fax: (51) 3212 6511

Janeiro de 2014

SUMÁRIO

■ CAMP E CHRISTIAN AID A HISTÓRIA DE UMA SIMBIOSE	6
■ RECICLANDO IDEIAS	8
■ O CAMP E A INICIATIVA PRIVADA	10
■ INSTITUTO VONPAR	12
■ GERDAU	15
■ BRASKEM	18
■ A ATUAÇÃO DO CENTRO DE ACESSORIA MULTIDISCIPLINAR E AS EXPERIÊNCIAS COM COOPERATIVAS DE CATADORES: ALIANDO DESENVOLVIMENTO LOCAL E RESPONSABILIDADE SOCIAL	22
■ SEMINÁRIO RECICLANDO IDEIAS E CONCEITOS	30
■ COOPERATIVA	32
■ ACESSORIA ESPECIALIZADA	36
■ REFLEXÕES ACERCA DA RELAÇÃO DO TERCEIRO SETOR COM A CADEIA PRODUTIVA	40
■ COLETA SELETIVA	46
■ QUE TAL PENSAR O APOIO A ORGANIZAÇÕES DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS COMO UM NEGÓCIO INCLUSIVO?	48



Trabalhadores da Cooperativa de Recicladores de Dois Irmãos, da esquerda para direita: Roberto, Justino, Paulo e Adriano.

CAMP E CHRISTIAN AID

A HISTÓRIA DE UMA SIMBIOSE

Desde a fundação, o CAMP estabeleceu relações com agências internacionais, sendo a Christian Aid uma das primeiras, em 1985. A Agência Internacional Missionária com atuação em mais de 35 países passou a apoiar o CAMP em projetos nas áreas rural e urbana, especialmente, nas temáticas da formação e articulação de lideranças.

Desde o início essa parceria transformou-se numa relação de simbiose, que já perdura por

vinte e oito anos. No princípio, funcionava da seguinte forma: o CAMP elaborava o projeto institucional e o enviava para a Christian Aid, caso fosse aprovado, o projeto era desenvolvido com o apoio da Agência, que recebia relatórios anuais.

Mara Manzoni Luz, atual representante da Christian Aid no Brasil, explica um pouco do trabalho da Agência no país: “Nosso trabalho no Brasil tem como foco o apoio às comunidades mais excluídas para que

elas mesmas possam encontrar as suas próprias soluções para mudanças mais significativas”.

Com o tempo e após a execução de muitos projetos em conjunto, a parceria entre as duas instituições ficou mais fortalecida. As visitas do representante da Agência no Brasil à sede do CAMP ficaram ainda mais frequentes. Tanto que, mais tarde, o principal posto da Christian Aid no Brasil e na América do Sul seria ocupado, entre 1991 e 1997, por Domin-

gos Armani, ex-integrante da equipe técnica do CAMP, hoje, integrante do Conselho Diretor.

“Neste processo de quase 30 anos de relações de parceria, a Christian Aid teve um papel político e financeiro muito importante em contribuir com a autonomia política do CAMP, juntamente com outras agências internacionais”, afirma Armani.

A autonomia para decidir os projetos e o formato pedagógico que vai adotar levou o CAMP a se debruçar sobre a

temática da reciclagem e suas aplicações socioeconômicas.

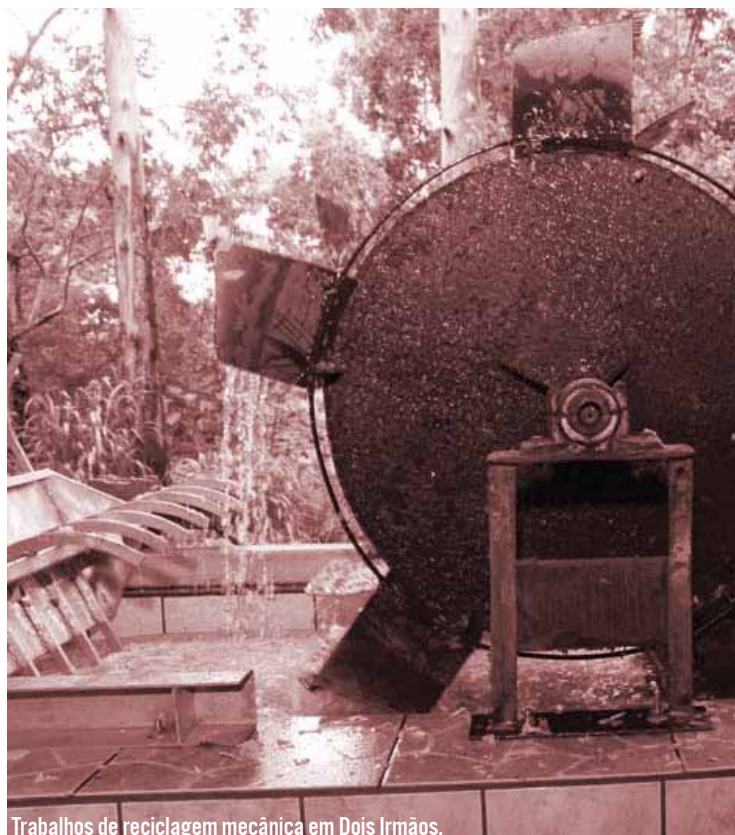
Durante três anos foi desenvolvida uma sistematização das experiências do CAMP na área da reciclagem com ênfase na avaliação dos benefícios e/ou contradições de atuação em conjunto com organizações da iniciativa privada.

A ação do CAMP em experimentar um “novo” modelo de relação em que passa a estabelecer parceria com setor privado – Vonpar, Braskem e Gerdau – de forma totalmen-

te autônoma contribuiu para a reflexão do assunto dentro da Christian Aid. O resultado dessa experiência foi detalhado no seminário “Reciclagem em Debate: Balanço com Fundações e Empresas Privadas na Reciclagem”, realizado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em julho de 2013.

Essa relação sempre se pautou pelo respeito aos papéis de cada um e pela relação política, sendo o apoio financeiro mera consequência dos objetivos comuns.





Trabalhos de reciclagem mecânica em Dois Irmãos.



RECICLANDO **IDEIAS**

A partir da década de 1970, a preservação do meio ambiente passou a ser uma das grandes preocupações mundiais. Preocupação que se voltou, principalmente, para o aumento da produção de lixo, alavancado pela proliferação de embalagens e produtos descartáveis. A palavra “reciclagem” ganhou, na ocasião, sua acepção ecológica.

Esse termo inseriu-se no vocabulário nos finais da década de 1980, quando foi constatado que as fontes de petróleo e outras matérias-primas não renováveis estavam se esgotando.

Nessa época, também teve início o processo industrial de reaproveitamento de diversos tipos de materiais, o que antes era destruído passou a ser reciclado ou reaproveitado.

No Brasil, quase toda a totalidade de latinhas descartáveis e garrafas PET é reciclada. Entretanto, plásticos, latas de aço, vidro, dentre outras matérias, são pouco considerados nesse processo, reforçando as estatísticas que apontam que somente 11% de tudo o que se joga na lata

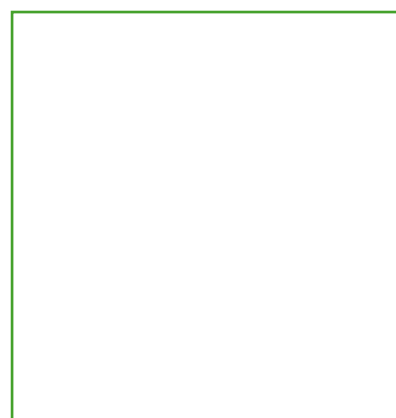
de lixo, em nosso país, é, de fato, reciclado.

Por isso, muitos governos e ONGs cobram das empresas posturas responsáveis, com crescimento econômico aliado à preservação do meio ambiente.

Nos últimos anos, muitos estados do Brasil estabeleceram programas organizados de reciclagem. Alguns deles visando apenas beneficiar os catadores de lixo que há muito vasculham aterros sanitários.

Outros foram criados em resposta a campanhas educativas organizadas por grupos ambientalistas locais e internacionais. Os mais bem-sucedidos combinam objetivos ambientais com retornos econômicos essenciais para tornar um programa verdadeiramente sustentável.

Nesse contexto, começou a brotar no Rio Grande do Sul uma iniciativa valiosa para as pessoas que trabalham com reciclagem ou procuram uma forma de inserção social. O segredo: iniciativa privada e sociedade civil reciclando ideias e trabalhando juntas na execução de projetos.





Grande encontro dos projetos do Instituto Vonpar e CAMP em dezembro de 2009.

O CAMP E A INICIATIVA PRIVADA

A relação do CAMP com o setor privado na área da reciclagem iniciou-se com a Rede de Parceria Social, um programa do governo estadual do Rio Grande do Sul criado em 2008.

O programa estabelecia uma articulação entre os setores privados beneficiados da renúncia fiscal e as organizações sociais beneficiadas por

projetos. A primeira experiência acontece com a Fundação Vonpar, através da rodada de investimentos, em que o CAMP era responsável pela articulação dos grupos de reciclagem e aprovação de projetos desenvolvidos em todo o estado. Essa parceria atendeu 38 galpões de reciclagem com um volume de R\$ 650 mil.

Esses recursos eram oriundos das empresas Vonpar e Braskem.

A parceria com a Vonpar se inseriu num projeto já existente no CAMP, denominado Recicla Brasil-Sul, elaborado pela SENAES e financiado parcialmente pela Fundação Banco do Brasil. Esse projeto consistia na formação de

20 galpões de reciclagem e numa pesquisa de mercado que objetivava oportunidade para unidades de reciclagem de resíduos sólidos urbanos.

Os projetos aprovados eram divididos em três categorias: a primeira financiada pela Vonpar, para pequenos projetos de reforma do prédio, conserto de equipamentos ou aquisição de equipamento de proteção individual; a segunda categoria, financiada pela Fundação Banco do Brasil, destinava-se a projetos de formação de liderança e capacitação profissional; e, finalmente, a terceira categoria era financiada pela Braskem S.A., para projetos de gran-

des investimentos, em especial, aquisição de máquinas para linha de processamento de reciclagem mecânica de plástico.

Nessa última categoria, o CAMP teve e tem forte atuação técnica, a primeira rodada teve três iniciativas de trabalho com a implantação de equipamentos, quais sejam, os projetos desenvolvidos nas cidades Nova Hartz, Sapiranga, Canoas e Esteio, formando uma rede.

Essa parceria abriu novas oportunidades. O CAMP também criou outro projeto específico com a Braskem, desenvolvido nos municípios de Dois Irmãos e Campo

Bom para aquisição de máquinas de beneficiamento de plástico. Por meio da Aliança Empreendedora, um projeto financiado pela Gerdau foi desenvolvido na cidade de Esteio com a Cooperativa de Trabalhadores e Recicladores dessa cidade. Nesse projeto, o CAMP foi responsável por aplicar a metodologia denominada Reciclagem Inclusiva.

Finalizando, o CAMP desenvolveu projetos com apoio e parceria de três empresas privadas (Vonpar, Braskem e Gerdau), mobilizando R\$ 1,5 milhão de reais e apoiando cerca de 50 galpões de reciclagem por mais de cinco anos.

VOCÊ SABIA?

O Brasil é campeão mundial na reciclagem de alumínio: mais de 1 milhão de latinhas por hora. No total, reaproveita-se 94% delas. Destas, 70% são recicladas em Pindamonhangaba, no leste paulista. O país também apresenta bons índices em relação ao papelão — 77% — e às garrafas PET — 50%. No entanto, ainda recicla pouco outros tipos de plástico, latas de aço e caixas longa-vida, cujos índices não ultrapassam os 30%. No primeiro caso, a justificativa é que a maioria das pessoas não reconhece como plástico as resinas mais maleáveis, como as das sacolas de supermercado. Por essa razão, elas acabam no lixo comum. Já as latas de aço são pouco recicladas porque há resistência das pessoas em guardá-las no lixo de casa. Diz-se delas que são “volumosas” e “difíceis de amassar”. A tecnologia para reciclar as caixas longa-vida, que permite separar as seis camadas que compõem a embalagem, é recente e, por enquanto, poucas pessoas a possuem no Brasil.



INSTITUTO VONPAR

Com o crescimento contínuo das ações socioambientais da empresa, em 2008 foi fundado o Instituto Vonpar, que já desenvolveu, treinou e atuou na profissionalização de mais de 60 projetos de galpões de reciclagem nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

O fomento desses projetos de empreendedorismo popular envolveu mais de 1,5 mil

recicladores em 41 cidades dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. São cidadãos que ganharam, a partir da ação do Instituto Vonpar, a oportunidade de desenvolverem uma atividade profissional digna e que lhes garante renda mensal.

Entre os resultados do Instituto, destaca-se o incremento de 40% na renda média dos associados nos

galpões apoiados, e de 23% no volume de materiais processados.

A parceria do CAMP com a Fundação/Instituto Vonpar iniciou-se em 2008 através da Rede de Parceria Social do Governo do Estado. Essa parceria consistiu no apoio a vários projetos em mais de 25 cidades gaúchas, beneficiando cerca de 800 recicladores e recicladoras.



Vento Sul – Como o Instituto Vonpar vê a participação do CAMP na execução de projetos ligados ao tema da reciclagem? Segundo sua opinião, a entidade possui uma abordagem correta e sua atuação é positiva?

Léo Voigt – *Nossa experiência profissional com o CAMP foi altamente positiva. Inicialmente, pelo domínio especializado e de vanguarda dos temas de inclusão produtiva de populações em risco, reciclagem e políticas públicas. Além de aprender com a acumulação do CAMP e seus quadros, recebemos uma prestação de serviços que em vários pontos foi além do contratado. Na realidade, tornou-se uma parceria em torno de uma causa.*

Vento Sul – Como o Instituto Vonpar caracteriza a parceria com o CAMP nos projetos de reciclagem, quais as qualidades que a entidade possui e quais os limites? A atuação em conjunto atendeu às expectativas do Instituto Vonpar e surtiu os resultados esperados?

Léo Voigt – *Sim, a experiência em 3 anos foi tão bem-sucedida que nossa avaliação consta nos três relatórios anuais detalhadamente comentados (<http://www.vonpar.com.br/corporativo/responsabilidade-social/instituto-vonpar>). Por decorrência, a Vonpar prosseguiu atuando nessa causa e influenciou o Sistema Coca-Cola no Brasil a direcionar-se para esse campo de atuação de forma mais profissionalizada e menos filantrópica. O melhor meio de caracterizar nossa relação é mesmo o compartilhamento estratégico de uma mesma agenda pública e social. Por fim, não identificamos limitações importantes durante a realização das rodadas de investimentos.*

“O melhor meio de caracterizar nossa relação é mesmo o compartilhamento estratégico de uma mesma agenda pública e social.”



“Tivemos que administrar alternativas e gerar novas soluções para demandas que não lográvamos atender. E assim foi feito.”

Vento Sul – Na visão do Instituto Vonpar, durante a execução dos projetos de reciclagem, em algum momento houve contrariedade na abordagem dada pelo CAMP aos temas enfrentados? Houve algum estranhamento da forma metodológica aplicada?

Léo Voigt – *Nenhuma! Ao contrário, nos identificamos com projeção qualificada; um ator que estava mais avançado do que nós nesse campo de atuação e dispunha seu capital na parceria. Tinha mais visão, método e conhecimento do que esperávamos. Nos desafiava permanentemente a ampliar o escopo de atuação, o que se tornou um problema: oferecia maiores oportunidades e possibilidades do que nossa capacidade de atuação. Tivemos que administrar alternativas e gerar novas soluções para demandas que não lográvamos atender. E assim foi feito.*

Vento Sul – Segundo o Instituto Vonpar, qual o impacto que a atuação em parceria com o CAMP provocou na vida dos recicladores?

Léo Voigt – *Alterou o paradigma e o nível do debate sobre o tema em toda a região e nos inseriu no diálogo nacional, reconhecidos como protagonistas de experiências de vanguarda. Alterou a imagem da empresa privada perante esses públicos e demonstrou a todos que a cooperação técnica e financeira continuada, gerida de forma compartilhada com organizações de excelência no tema, altera o sistema, pauta a agenda pública no tema e coloca os catadores diante de uma nova relação, não mais de beneficiários de assistência, e sim atores do fomento econômico para a autonomia. Além disso, o projeto permitiu alterar o ganho médio mensal desde os primeiros investimentos, gerando resultados econômicos na vida dos empreendedores populares, no curto prazo.*

Vento Sul – Na opinião do Instituto Vonpar, o que deveria mudar para que a parceria entre ONGs e setores empresariais pudesse ser aprimorada e ampliada? Que obstáculos precisam ser superados para o fortalecimento desse tipo de parceria?

Léo Voigt – *O que precisava mudar já mudou no caso do CAMP, a partir dessa nossa relação: sepultar os últimos resquícios do preconceito contra a empresa privada (e sua recíproca), herança da guerra fria que ainda persiste em alguns atores satélites da causa da reciclagem, dos catadores e das ONGs. Não identifico nenhuma recomendação que possa facilitar ainda mais o estabelecimento de mais e novas parcerias.*



Trabalhos de triagem da Cooperativa de Catadores de Esteio (COOTRE).

GERDAU

A Gerdau é líder no segmento de aços longos nas Américas e uma das principais fornecedoras de aços longos especiais do mundo. Com mais de 45 mil colaboradores, possui operações industriais em 14 países, as quais somam uma capacidade instalada superior a 25 milhões de toneladas por ano.

É a maior recicladora da América Latina e, no mundo, transforma, anualmente, milhões de toneladas de sucata em aço, reforçando seu compromisso com o desenvolvimento sustentável das regiões onde atua.

Para a Gerdau, os princípios do desenvolvimento sustentável são muito importantes. Por isso, acredita que o crescimento econômico de uma empresa está baseado na relação ética e socialmente responsável com o meio ambiente e com todos os públicos com que se relaciona: colaboradores, clientes, fornecedores, acionistas, governos e sociedade.

Um exemplo de parceria exitosa aconteceu em 2011, quando o CAMP iniciou um projeto com Aliança Empreendedora, financiado pela Gerdau. A organização fi-

cou responsável por aplicar a metodologia denominada Reciclagem Inclusiva, desenvolvendo o projeto na cidade de Esteio (RS) junto a Cooperativa de Trabalhadores e Recicladores de Esteio.

A Gerdau, que ainda desenvolve outros projetos em que colabora com mais nove cooperativas, em sete estados diferentes, também esteve presente no primeiro Seminário “Reciclagem em Debate”. Paulo Boneff, representante da área de responsabilidade social da empresa, participou da mesa e conversou com nossa equipe.



Vento Sul – Como a Gerdau vê a participação do CAMP na execução de projetos ligados ao tema da reciclagem? Segundo sua opinião, a entidade possui uma abordagem correta e sua atuação é positiva?

Paulo Boneff – *Dentro da estratégia de atuação da Gerdau junto a sua cadeia produtiva, no contexto de capacitações, a Empresa busca identificar atores para executar qualificações com foco na melhoria de gestão e capacitação técnica. Através da Aliança com o Governo da Alemanha (GIZ), a Gerdau identificou o CAMP como um possível aliado para executar o projeto de Integração do Setor Informal da Cadeia do Aço na cidade de Esteio. Temos certeza que a atuação do CAMP, bem como os resultados da sua atuação, foram muito satisfatórios, contribuindo para a realização das atividades e metas propostas.*

Vento Sul – Como a Gerdau caracteriza a parceria com o CAMP através da Aliança Empreendedora nos projetos de reciclagem, e quais as qualidades que a entidade possui e quais os limites? A atuação em conjunto atendeu às expectativas da Gerdau e surtiu os resultados esperados?

Paulo Boneff – *Entendemos que para a responsabilidade repassada ao CAMP, de atuar junto a uma Cooperativa, a parceria foi positiva, fazendo o processo conforme escopo do projeto e no cronograma previsto. Um fator que pode vir a ser limitador é a atuação estar restrita a uma região do país.*

Vento Sul – Na visão da Gerdau, durante a execução dos projetos de reciclagem, em algum momento houve contrariedade na abordagem dada pelo CAMP aos temas enfrentados? Houve algum estranhamento da forma metodológica aplicada?

Paulo Boneff – *Não tivemos nenhum aspecto contrário à metodologia proposta identificada na relação do CAMP com a Cooperativa.*

Vento Sul – Para a Gerdau, qual é o impacto que a atuação em parceria com o CAMP provocou na vida dos recicladores?

Paulo Boneff – *O impacto da parceria seguiu a proposta do projeto. Tendo significativos impactos quanto a formalização da Cooperativa, melhoria no ambiente de trabalho, implementação de práticas de gestão e melhoria na remuneração dos mesmos.*

Vento Sul – Na opinião da Gerdau, o que deveria mudar para que a parceria entre ONGs e setores empresariais pudesse ser aprimorada e ampliada? Que obstáculos precisam ser superados para o fortalecimento desse tipo de parceria?

Paulo Boneff – *A parceria entre os três setores é muito positiva nesse tipo de iniciativa. Atrair outras empresas que também atuam com Cooperativas, bem como unir esforços dos poderes públicos e do terceiro setor, são fundamentais para o avanço dessas iniciativas e para a ampliação dos resultados. Há espaço para essas atuações em conjunto, mas para isso é necessário ter um espaço para compartilhar experiências e conhecimentos.*

“*Temos certeza que a atuação do CAMP, bem como os resultados da sua atuação, foram muito satisfatórios, contribuindo para a realização das atividades e metas propostas.*”

VOCÊ SABIA?

Quais são os países que mais reciclam no mundo?

Entre os países que mais reciclam estão os Estados Unidos, o Japão, a Alemanha e a Holanda. Os EUA, por exemplo, conseguem reaproveitar pouco mais da metade do que vai parar nas lixeiras. Na Europa Ocidental, virou rotina nos supermercados cobrar uma taxa para fornecer sacolas plásticas. Os clientes levam as suas de casa. Também na Europa, o bom e velho casco (de vidro ou de plástico) vale desconto na compra de refrigerantes e água mineral. Para a redução do lixo industrial, a União Europeia está financiando projetos em que uma indústria transforma em insumo o lixo de outras fábricas. Até a fuligem das chaminés de algumas é aproveitada para a produção de tijolos e estruturas metálicas.



BRASKEM

A Braskem, em conjunto com seus clientes e com a cadeia produtiva, vem trabalhando no desenvolvimento de soluções sempre mais sustentáveis, seja através de novas resinas, seja pelo aprimoramento das tecnologias de aplicação, permitindo menor consumo de matéria-prima – por exemplo, garrafas e potes com paredes mais finas sem perda de resistência.

Para minimizar os efeitos indesejados do descarte inadequado de produtos plásticos, também em sintonia com a cadeia produtiva, a Braskem defende progra-

mas consistentes de educação ambiental, visando conscientizar os consumidores, desde a infância, para a importância de considerar no seu processo decisório do ato do consumo todos os impactos ambientais e sociais associados a todas as etapas, desde a produção da matéria-prima até o descarte, passado por todas as etapas de produção e uso dos produtos. Esses programas educacionais devem focar a indispensável participação de cada pessoa nos processos de desenvolvimento.

A parceria do CAMP com a Braskem iniciou-se em 2009

com o projeto de formação de galpões de reciclagem na grande Porto Alegre.

Além da formação profissional, o CAMP também auxiliava no trabalho de implantação de equipamentos de reciclagem mecânica para plásticos. Os projetos foram desenvolvidos com cooperativa de recicladores em Nova Hartz, Campo Bom, Canoas e Dois Irmãos.

O gerente de Relações Institucionais da Braskem no Rio Grande do Sul, João Ruy Freire, fala um pouco mais sobre a parceria e os projetos desenvolvidos com o CAMP.

Vento Sul – Como a Braskem vê a participação do CAMP na execução de projetos ligados ao tema reciclagem? Segundo sua opinião, a entidade possui uma abordagem correta e sua atuação é positiva?

João Ruy Freire – *A Braskem na sua atuação de contribuição social entende que precisa buscar parceiros. Somos uma petroquímica com grande expertise nos temas de negócios, no entanto, não temos o conhecimento necessário para trabalhar em ambientes sociais. Nesse sentido, a reciclagem é bem complicada. E o CAMP veio bem ao encontro dessa situação pela sua experiência de formação de trabalhadores, aportando conhecimentos, sabendo como lidar com esse tecido social das unidades de triagem. Foi um casamento, uma convivência bastante proveitosa, com certeza. Os projetos de Dois Irmãos, Nova Hartz e Campo Bom obtiveram grande sucesso. Trabalhamos a capacitação das pessoas e a inclusão da tecnologia, o que não é fácil, nesse tecido social, fazer essa mudança com o devido cuidado. E foi feito. Os resultados foram todos medidos e mensurados, o que nos deu a certeza que nossa estratégia inicial de não fazermos sozinhos, e sim buscar parceiros que conhecem essas áreas de atuação, é primordial!*

Vento Sul – Como a Braskem caracteriza a parceria com o CAMP nos projetos de reciclagem, quais as qualidades que a entidade possui e quais os limites? A atuação em conjunto atendeu às expectativas da empresa e surtiu os resultados esperados?

João Ruy Freire – *Eu enxergo que esse processo de revalorização de matérias só vai ter sucesso quando tiver valor para mercado. É o mercado que demanda as coisas. Se conseguirmos – e os exemplos das cidades de Nova Hartz, Campo Bom e Dois Irmãos provam que é possível – com uso de tecnologia colocar esse material nos patamares de valor que o mercado demande – ou seja, material com maior qualidade e condições adequadas para a linha de produção da indústria –, vai ter seu encaminhamento ao natural. Com isso, aquelas pessoas que estavam trabalhando nas unidades de triagem deixam de ser*



Inauguração do galpão da Associação de Nova Santa Rita.

“ O CAMP veio bem ao encontro dessa situação pela sua experiência de formação de trabalhadores, aportando conhecimentos, sabendo como lidar com esse tecido social das unidades de triagem. Foi um casamento, uma convivência bastante proveitosa, com certeza.”



catadores e passam a ser trabalhadores da reciclagem, gerando muito mais renda. Se conseguirmos através da tecnologia agregar valor de forma que o mercado demande aquele material com mais qualidade, condições adequadas para já entrar num processo industrial sem passar por um atravessador, esses grupos podem atingir um desenvolvimento ainda maior. A liderança tem um papel extremamente importante. É ela que faz o tecido social dar o primeiro movimento de se fechar com foco no objetivo que seja na melhora de qualidade de vida das pessoas ou na renda. Por isso, antes de trabalhar a tecnologia, temos que tratar da reforma ou revisão do modelo produtivo das unidades de triagem, que não dá a produtividade adequada para o número de pessoas envolvidas.

Vento Sul – Na visão da Braskem, durante a execução dos projetos de reciclagem, em algum momento houve contrariedade na abordagem dada pelo CAMP aos temas enfrentados? Houve algum estranhamento da forma metodológica aplicada?

João Ruy Freire – *Temos certeza que para o resultado chegar num potencial máximo será preciso o envolvimento da tríade: um Poder Público muito forte e menos distante, o Terceiro Setor, que tem a competência para lidar com o tecido social, e a Iniciativa Privada, que tem recursos e busca, através de seus objetivos de sustentabilidade, contribuir com as questões sociais. Em regiões onde o poder público não demonstrou envolvimento, tivemos insucesso, mesmo com as atuações incansáveis dos educadores do CAMP e dos outros atores envolvidos. Outra questão é o terrorismo de fazer as coisas, nesse sentido, o Poder Público é “vítima da situação”, pois muitas vezes fica amarrado pelo Ministério Público. Para o Poder Público conveniar com uma ONG, que tem uma competência, que tem toda condição de tratar de um assunto, é um drama.*

Vento Sul – Segundo a Braskem, qual o impacto que a atuação em parceria com o CAMP provocou na vida dos recicladores?

João Ruy Freire – *A grande contribuição é desenvolver um projeto adequado que passe pela formação das lideranças, das pessoas, trabalhar em grupo, enfim. A questão da tecnologia é um salto na qualidade dos materiais produzidos, na renda das pessoas, sendo possível realmente fazer esse movimento de mudança sustentável. Não é fácil fazer isso de forma gradativa.*

Vento Sul – Na opinião da Braskem, o que deveria mudar para que a parceria entre ONGs e setores empresariais pudesse ser aprimorada e ampliada? Que obstáculos precisam ser superados para o fortalecimento desse tipo de parceria?

João Ruy Freire – *Uma autocrítica que pode ser feita é que nós temos dificuldades de aprender com a experiência. Capturar o conhecimento. Precisamos definir quem vai capturar o conhecimento, a empresa, o terceiro setor ou o poder público, para poder então fazer a coisa de uma forma mais orientada, mais correta. Cada ator tem um conhecimento específico para colaborar. Se nós conseguíssemos somar essas experiências todas que estão na cabeça das pessoas e poder estruturar organizadamente para fazer um projeto, com certeza ele seria mais efetivo. Projetos melhores estruturados com aplicação do aprendizado passado. Hoje isso está muito na cabeça das pessoas e deveria ter uma sistematização, criando assim uma metodologia social. Talvez, essa seria nossa maior contribuição: criar metodologias sociais.*

“A liderança tem um papel extremamente importante. É ela que faz o tecido social dar o primeiro movimento de se fechar com foco no objetivo que seja na melhora de qualidade de vida das pessoas ou na renda. Por isso, antes de trabalhar a tecnologia, temos que tratar da reforma ou revisão do modelo produtivo.”

A ATUAÇÃO DO CENTRO
DE ASSESSORIA
MULTIDISCIPLINAR E
AS EXPERIÊNCIAS COM
COOPERATIVAS DE
CATADORES: ALIANDO
DESENVOLVIMENTO
LOCAL E
RESPONSABILIDADE
SOCIAL



Simone Alves Pacheco de Campos
Graduação e mestrado em Administração pela UFSM.



Minha primeira aproximação com a equipe do CAMP ocorreu a partir de observação de uma reunião onde seriam discutidos projetos envolvendo o setor de reciclagem. A reunião se inicia com o presidente da associação e líder do projeto da reciclagem se apresentando e solicitando que os demais à mesa se apresentassem. Dos cinco, existem apenas dois estranhos: um estudante de geografia, que fará seu estágio obrigatório no projeto a ser iniciado, e eu, estudante de doutorado, observadora da reunião. Um aspecto interessante é a disposição da sala: uma mesa pequena e cinco cadeiras muito próximas. Acredito que essa metáfora sirva perfeitamente para ilustrar a forma como vejo o clima da equipe do CAMP. A conversa se inicia, o clima é de informalidade, amizade e afetividade. São feitas algumas brincadei-

“O histórico da organização é marcado por disputas e atuações militantes. Contudo, vislumbra-se a constante preocupação em desempenhar um trabalho menos politizado e mais qualificado, profissional.”

ras sobre o tamanho do café de um dos educadores sociais presentes e o seu casamento que se aproxima, retratando a intimidade entre os três. Apesar da evidente informalidade e proximidade que permeia a reunião, pode ser notada claramente a seriedade com o que grupo encara o seu papel enquanto agentes transformadores de uma realidade, no

auxílio às comunidades de catadores. A preocupação com o desenvolvimento local, em prover suporte social e melhores condições de vida e trabalho aos catadores, está presente em cada tópico discutido pelos participantes.

O Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP) é uma organização não governamental brasileira, com sede em Porto Alegre, RS, fundada em 1983 por jovens estudantes ligados à teologia da libertação e sindicalistas urbanos e rurais. O CAMP possui uma longa história dentro e fora do Rio Grande do Sul, com iniciativas que auxiliaram no desenvolvimento de muitos movimentos no contexto nacional, dentre eles o Movimento dos Trabalhadores Sem-terra e Central Única dos Trabalhadores. O histórico da organização é marcado por disputas e atuações militantes. Contudo, vislumbra-se a



constante preocupação em desempenhar um trabalho menos politizado e mais qualificado, profissional.

Atuando na área da reciclagem desde 2003, o CAMP apoia 38 galpões de reciclagem, nos quais trabalham atualmente cerca de 830 pessoas. Em vários dos galpões de reciclagem são desenvolvidos projetos para filhos dos trabalhadores, envolvendo uma média de 82 crianças e adolescentes. Desde 2008, a referida organização aderiu ao Projeto Rede de Parceria Social (RPS) do Governo Estadual, o qual consiste na isenção fiscal de empresas que apoiem projetos sociais com recursos financeiros e/ou tecnológicos. Desde o início, foram repassados aos 38

galpões mais de R\$ 3 milhões de reais e um grande apoio tecnológico, principalmente, na logística da produção e comercialização.

Em 2009, uma pesquisa desenvolvida pelo CAMP mostra que pelo menos 43% do volume de material reciclável coletado no estado do Rio Grande do Sul são papéis, sendo esse produto o mais processado pela indústria de reciclagem gaúcha e um dos mais lucrativos para os recicladores. Segundo o estudo, depois do papel, o plástico é o material de maior volume na coleta, representando 37% da produção estadual. Contudo, esse montante não é totalmente aproveitado pela indústria, que possui um consumo mensal de cerca de 5,5 toneladas por

mês. Outro resultado relevante obtido com o estudo trata-se da renda média da força de trabalho. No Rio Grande do Sul, a renda média de um reciclador é de R\$ 533,00.

A preocupação com as questões que envolvem os resíduos sólidos não é recente, muito menos limitada a uma dada região do globo. Atualmente, a gestão de resíduos é um problema que envolve desde os pequenos municípios até as grandes metrópoles, envolvendo governo, sociedade civil, empresas privadas e demais atores em um contexto multifacetado. Os dados da pesquisa mundial sobre geração de resíduos sólidos, de 2006, demonstram que essa preocupação não é nova. Em 2006, segundo dados da Market Waste Research, a produção de resíduos sólidos em nível global chegou a 2,02 bilhões de toneladas. No Brasil, essa realidade não é diferente. O país possui mais de 190 milhões de habitantes e, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cada um desses produz, aproximadamente, um quilo de resíduos (lixo) por dia, resultando, em média, cerca de 190 mil toneladas diárias em



“Atuando na área da reciclagem desde 2003, o CAMP apoia 38 galpões de reciclagem, nos quais trabalham atualmente cerca de 830 pessoas. Em vários dos galpões de reciclagem são desenvolvidos projetos para filhos dos trabalhadores, envolvendo uma média de 82 crianças e adolescentes.”

todo o território nacional. Ainda segundo o IBGE, em 50,8% dos municípios os resíduos são destinados aos 2.906 lixões brasileiros; 27,7% das cidades destinam seus resíduos para aterros sanitários e 22,5% para aterros controlados.

Diante desse cenário, é evidente a importância desempenhada pelo setor de reciclagem e o interesse que este tem despertado nos últimos anos para as discussões sobre sustentabilidade, tanto no que tange ao problema social envolvido, com sua principal força de trabalho, como aos seus impactos ambientais. Tais características tornam esse setor um cenário propício para discussões sobre o papel das empresas e ONGs no desenvolvimento de práticas responsáveis e de parcerias sociais. A reciclagem tem assumido um papel interessante no contexto atual brasileiro devido às novas políticas públicas que visam regulamentar a atuação do governo, de empresas e da sociedade civil em relação à gestão de resíduos sólidos.

Aprovada no ano de 2010, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) é uma demonstração de como esse assunto tem gerado discussões

no cenário nacional. A nova regulamentação visa ao estabelecimento de importantes metas, muitas das quais representam uma verdadeira mudança na formatação do setor no Brasil. Dentre as metas estabelecidas, está o fechamento dos lixões até o ano de 2014, destinando os resíduos para a reciclagem ou aterros sanitários. A nova política prevê maiores incentivos para indústrias de reciclagem, bem como cooperativas de catadores de material. A lei estabelece ainda que fabricantes, importadores, distribuidores e vendedores devem recolher as embalagens dos produtos, além de determinar a distribuição de responsabilidades pela gestão de resíduos entre governo, estados, municípios, empresas e sociedade.

Segundo dados do Compromisso Empresarial Para a Reciclagem (CEMPRE), de 2010, atualmente, existe no Brasil cerca de um milhão de pessoas envolvidas com esse tipo de trabalho. Os catadores são normalmente divididos de acordo com seu nível de organização, desde os que desenvolvem suas atividades através de pequenos núcleos que operam sem condições de higiene

e segurança até grandes cooperativas. Na base da pirâmide do setor estão os catadores autônomos e informais, sujeitos à exploração por atravessadores que revendem os materiais recicláveis para sucateiros de maior porte ou para a indústria; e, no final dessa cadeia, o preço pode ser quatro vezes superior ao inicialmente pago aos carroceiros. Para a população pobre de grandes centros urbanos em países em desenvolvimento, como é o caso de Porto Alegre, o trabalho informal no setor de reciclagem tem sido uma das alternativas de renda e sobrevivência. O trabalho muitas vezes é desempenhado nas ruas e nos lixões a céu aberto, onde o contato diário com todos os tipos de resíduos (comumente incluindo resíduos perigosos e médicos) apresenta riscos à saúde.

Nessas circunstâncias, os intermediários muitas vezes ganham grandes lucros, enquanto os catadores recebem muito

pouco para escapar da pobreza. O resultado é geralmente rendimentos mais baixos e condições de trabalho mais difíceis. Ao atuarem de forma coletiva, há fortalecimento da sua posição e aumento do poder de barg



na com a indústria e o governo, o que os tornam atores do processo de desenvolvimento e superação da pobreza através do desenvolvimento de base. Trabalhando juntos, o grupo adquire maior estabilidade, os rendimentos são mais elevados. Segundo os dados da CEMPRE (2010), apenas 10% dos catadores apresen-

tam algum tipo de estrutura organizada, sem a dependência dos intermediários, trabalhando principalmente sob a forma de cooperativas. Assim, a nova política de resíduos sólidos reforça a participação desses indivíduos, principalmente sua organização em cooperativas e associações. O desenvolvimento de parcerias com essas associações, principalmente através de licitações públicas, passa a ser uma forma de inserir os catadores e de eles terem acesso aos recursos governamentais, visto que a maioria dessa força de trabalho é de baixa renda e exerce suas atividades em condições de trabalho inferiores.

No Brasil, as primeiras cooperativas e associações foram formadas na década de 1990. Essa forma de atuação apresenta uma série de benefícios, tais como a valorização e a profissionalização do trabalho do catador, a inclusão social e o resgate da cidadania, bem como a retirada dos catadores dos lixões e aterros. As cooperativas de catadores exercem uma

função social importante, na medida em que proporcionam a estruturação do trabalho dos catadores e ajudam na inserção dos mesmos na sociedade como profissionais e cidadãos, auxiliando a reduzir o desemprego e a miséria nos grandes centros. Atuando de forma coletiva, por meio de cooperativas e associações, sendo vistos como atores legítimos que podem expressar suas opiniões a nível local, estadual e nacional. As organizações de catadores devem entrar em acordos informais ou contratos formais com as empresas, indústrias e associações de bairro para terem acesso a materiais recicláveis, vender materiais ou itens manufaturados.

Inserido nesse contexto, um dos projetos de maior representatividade conduzidos pelo CAMP é o Recicla Brasil-Sul. Esse projeto teve início em 2008, através da parceria

com o Instituto Vonpar. No ano de 2009, a Braskem, empresa petroquímica fabricante de plástico, ingressou nesse projeto como uma forma de potencializar suas ações de responsabilidade social corporativa. Recentemente, a Gerdau passou a ser uma parceira do projeto, juntamente com outra organização não governamental, a Aliança Empreendedora. Atualmente, o projeto Recicla Brasil-Sul é comandado pelo CAMP, em parceria com as entidades governamentais locais, Braskem, Gerdau e Aliança Empreendedora. Há cerca de 30 cooperativas de catadores associadas no Recicla Brasil-Sul, localizadas em sua maioria na região metropolitana de Porto Alegre. Diante desse cenário, é evidente a importância social, no que diz respeito ao seu papel no desenvolvimento de iniciativas juntamente aos catadores e às cooperativas

atendidas. Esse projeto possui como característica o fato de aliar em uma mesma parceria organizações com responsabilidades e papéis distintos, bem como diferentes graus de envolvimento no desenvolvimen-

“ *As cooperativas de catadores exercem uma função social importante, na medida em que proporcionam a estruturação do trabalho dos catadores e ajudam na inserção dos mesmos na sociedade como profissionais e cidadãos, auxiliando a reduzir o desemprego e a miséria nos grandes centros.*”

Plástico reciclado, vidas renovadas Para a construção de um mundo sustentável

Promover o desenvolvimento social
e a responsabilidade ambiental



Impulsionar a inclusão social
e o desenvolvimento sustentável
na cadeia da reciclagem do plástico

to do projeto coletivo.

Recentemente, o potencial da colaboração entre distintos setores industriais em lidar com problemas sociais tem recebido atenção tanto no mundo acadêmico quanto no empresarial. As parcerias entre organizações não governamentais, entidades do setor privado, assim como grandes empresas e estado, têm sido vistas como uma forma potencial de resolução de problemas em casos em que isso não seria possível para um único ator, tais como pobreza, desenvolvimento sustentável e mudanças cli-

máticas. Esse tipo de parceria envolve o comprometimento do grupo de organizações de distintos setores econômicos em despender recursos, trabalhando cooperativamente para resolver problemas que afetam a todos. Esses problemas podem ser definidos, pelo menos em parte, como uma questão social e sua solução beneficiaria todos os parceiros. Frequentemente, parcerias desse tipo abordam questões que se estendem além das fronteiras e dos objetivos tradicionais das organizações, residindo também na arena das políticas

públicas (área social), o que requer um envolvimento ativo das partes envolvidas, em que o comprometimento de recursos vai além do aspecto monetário.

É amplamente conhecido que empresas e organizações não governamentais possuem diferentes competências. Nesse sentido, a parceria social representa uma forma de combinar tais competências de um modo que valorize os atores envolvidos. As empresas possuem à sua disposição uma gama diversificada de recursos, eficiência gerencial

e competência técnica, criatividade, dinamismo e acesso a financiamento. Por outro lado, as ONGs possuem experiência e conhecimento acerca das necessidades e demandas da comunidade. São direcionadas por uma missão, além de serem mais capazes de atingir os mais pobres. Essas diferenças podem sugerir que empresas e ONGs através da complementaridade de recursos, podem alcançar objetivos comuns, tais como o bem-estar social e o alcance de mudanças sociais positivas. Tais mudanças sociais positivas são resultados

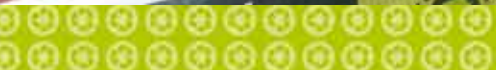
das iniciativas de responsabilidade social corporativa, as quais variam desde mudanças nos processos de produção, a fim de reduzir os impactos ambientais, até mesmo resultados fora da empresa, como contribuir para o desenvolvimento de infraestruturas para comunidades locais.

Nesse sentido, o CAMP possui um importante papel na mediação do diálogo entre estado, empresas e comunidades. Devido ao fato de possuir uma larga tradição no suporte a comunidades carentes e fomento à organização coletiva

destas, o conhecimento acumulado pela referida organização faz desta um ator ativo no desenvolvimento local, defendendo os interesses das comunidades carentes e auxiliando-as a desenvolver condições de negociar e de expressar suas opiniões a nível local, estadual e nacional. Por outro lado, a profissionalização e a constante preocupação com a especialização fazem com que esta tenha alcançado, ao longo da sua história, legitimidade e reconhecimento junto ao setor empresarial e o Estado.



Trabalhos de triagem da Cooperativa COOLABORE de Campo Bom.



SEMINÁRIO

RECICLANDO IDEIAS E CONCEITOS

O Seminário promovido pelo CAMP reuniu instituições públicas e privadas para debater a atividade de reciclagem

“Somos instituições diferentes, olhamos o mundo de formas diferentes, mas temos objetivos em comum e estamos atingindo resultados interessantes”. A frase é do diretor do CAMP, Mauri Cruz, mas pode resumir o sentimento de grande parte das pessoas que participou do primeiro Seminário “Reciclagem em Debate”.

O evento promovido pelo CAMP e realizado no mês de julho de 2013, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, se propôs a fazer um “Balanço da parceria entre Fundações e Empresas Privadas na área da reciclagem”.

A iniciativa é parte do projeto de estudos na área de reciclagem desenvolvido com o apoio da Christian Aid (Agência Internacional Missionária com atuação em mais de 35

países). “Somos parceiros do CAMP desde 1985, é com muita alegria que acompanhamos o sucesso de mais um projeto desenvolvido, desta vez, na área da reciclagem”, revelou Mara Luz, representante da Christian Aid no Brasil.

Também estavam presentes: o representante de Relações Institucionais da Braskem, João Ruy Freire, o representante do Instituto Gerdau, Paulo Boneff, e do Instituto Vonpar, Léo Voigt. Este destacou a importância dos resultados atingidos com as novas relações: “A aproximação do campo social com o mundo provido é uma conquista recente que não se consolidou totalmente ainda. Mas já é possível observar benefícios para as classes sociais e, principalmente, para o estado. Somos divergentes, mas isso não nos impede de evoluir em termos como a reciclagem, por exemplo”.

As cooperativas que parti-

ciparam do projeto foram representadas pela Cooperativa COOLABORE (Campo Bom), Associação ARCA (Esteio), Cooperativa Dois Irmãos e pelo Centro de Educação Ambiental (CEA). “Para nós, esse projeto foi extremamente importante porque mudou nossas vidas. Além da capacitação e de ter aumentado nossa renda, mudou o emocional das pessoas. Hoje nos sentimos mais incluídos na sociedade; e a assessoria do CAMP foi fundamental para isso”, afirmou Rita de Cássia, da Associação ARCA.

O Coordenador dos projetos de Reciclagem do CAMP, Alessandro Soares, comemorou o sucesso do Seminário: “Estamos muito satisfeitos com a participação e o grau de envolvimento de todos. Pois o Seminário possibilitou um momento muito importante de reflexão, mas também de grande projeção para iniciativas futuras na área da reciclagem”.



COOPERATIVAS

Hildor Weide, cooperado da COOLABORE de Campo Bom.

COOLABORE – Cooperativa de Construção Civil e Limpeza Urbana Ltda. – Matriz

Cidade: Campo Bom – RS

A cooperativa COOLABORE de Campo Bom foi fundada em 1994 e desde 1996 atua na triagem do lixo doméstico na Usina da Prefeitura. No ano de 2003, recebeu equipamentos da prefeitura para moer, lavar, secar e aglutinar os plásticos flexíveis. Esses equipamentos apresentavam limitações para o processo produtivo, iniciando na etapa de lavagem, onde o tanque não era adequado, e o equipamento secador horizontal usado para o processo com plásticos flexíveis. No entanto, com esses problemas, a COOLABORE adquiriu experiência em reciclagem de plásticos.

Atualmente, a COOLABORE tem expandido seus negócios com o recebimento de resíduos, triagem dos recicláveis e enfardamento. Como no município de Campo Bom não há coleta seletiva plenamente instalada, os resíduos orgânicos e inorgânicos chegam misturados para serem triados.

Em 2010, a COOLABORE fundou sua primeira filial, em uma região mais central de Campo Bom, agregando o trabalho dos catadores do município, coletando um resíduo mais limpo e apontando para uma adequação de coleta seletiva.

Um ano depois, a COOLABORE passa a atuar também no município de Novo Hamburgo, onde assumiu a operação de um aterro sanitário desativado, criando assim sua segunda filial. A terceira unidade da cooperativa veio com o surgimento de uma Central de catadores, também instalada na cidade.

A COOLABORE de Campo Bom reaproveitou, em 2013, **uma média de 110 toneladas por mês** proveniente do lixo do município.



“O projeto de assessoria técnica realizado em parceria com a Braskem e o CAMP foi de grande importância para a COOLABORE e todos cooperados. Auxiliou muito na evolução do nosso trabalho, além de ter ajudado muito na ampliação da geração de renda e qualidade de vida dos trabalhadores.”

Geraldo

Cooperativa COOLABORE de Campo Bom

Cooperativa de Recicladores de Dois Irmãos

Cidade: Dois Irmãos – RS

A Cooperativa de Recicladores de Dois Irmãos, município do Vale dos Sinos, distante 50 km de Porto Alegre, tem seus trabalhos realizados na antiga usina do município **desde 1994**. A partir de 1997, os cooperados iniciam o beneficiamento de plásticos e são reconhecidos por seu excelente trabalho em todo o Rio Grande do Sul.

A parceria do CAMP com a Cooperativa de Recicladores de Dois Irmãos se iniciou em 2008, através do convênio com o Instituto Vonpar, e foi encerrada em 2010. A partir de então, o convênio passa ter como parceira a Braskem S.A.

Atualmente, a Cooperativa de Recicladores de Dois Irmãos conta com 36 cooperados. Além do trabalho de triagem dos resíduos, o grupo realiza a coleta seletiva e a coleta convencional de todo o município de Dois Irmãos. A renda média atual dos cooperados é de aproximadamente **R\$ 2.000,00 por catador cooperado**. A cooperativa de Recicladores de Dois Irmãos reaproveitou, em 2013, uma média de **111 toneladas por mês** proveniente da coleta seletiva do município.

“O auxílio do CAMP e de todos os envolvidos no projeto nos ajudou muito. Hoje temos uma renda melhor.

Nos ajudou a melhorar a qualidade do material, na qualificação da mão de obra. Agora temos máquinas modernas, e a procura pelo nosso material aumentou mais de 30%, devido à qualidade do nosso material. Então todo grupo ganhou. A gente espera continuar trabalhando junto, pois acreditamos que todas as cooperativas precisam desse apoio, porque sozinho não se vai pra frente”.

Paulo Roberto Corrêa dos Santos



Associação ARCA – Cooperativa COOTRE de Esteio

Cidade: Esteio – RS

A Associação de Recicladores e Catadores de Esteio (ARCA) **foi criada há 13 anos** por um grupo de mulheres no município de Esteio. Com intuito de prover o sustento familiar, elas reuniram-se para realizar coleta, triagem e venda de material reciclável.

Em 2011, o CAMP começou a desenvolver com a ARCA um trabalho de assessoria técnica através de uma parceria com a GIZ, Gerdau e Aliança Empreendedora.

No início do acompanhamento, o grupo era composto por 13 associados com uma renda mensal média de R\$ 438,00, realizando ainda o serviço de coleta seletivo do município de Esteio sem contrato de prestação de serviço.

Atualmente, o grupo é composto por **26 cooperados** com uma **renda mensal média de R\$ 1.280,00** e contrato de prestação de serviço assinado com a prefeitura municipal de Esteio. Diante do avanço técnico e do interesse de outros trabalhadores, o grupo formou a Cooperativa de Trabalho de Recicladores de Esteio – COOTRE.

A cooperativa ARCA/COOTRE de Esteio reaproveitou, em 2013, uma média de **45 toneladas por mês** provenientes da coleta seletiva do município.



“O projeto desenvolvido pelo CAMP em parceria com a Gerdau nos ajudou muito, pois nos formou, nos capacitou. Outro fato muito importante é que essa iniciativa transformou a vida de 22 pessoas. Hoje somos profissionais, estamos certos do que queremos, sabemos nos colocar nas reuniões de negócios, aumentamos nossa renda, temos uma secretaria, tudo graças a essa assessoria dos profissionais do CAMP.”

Rita de Cássia de Souza dos Santos

Presidente da Cooperativa de Trabalho de Recicladores de Esteio – COOTRE



ASSESSORIA ESPECIALIZADA

A exemplo do que acontece em cada segmento onde se desenvolvem atividades junto a sociedade civil, o CAMP conta com um educador/profissional especializado e dedicado para atuar no segmento que a organização se propõe a atuar. No caso da reciclagem não é diferente. O professor Alessandro Soares, que possui graduação pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense em Tecnologia em Gestão da Produção Industrial, atualmente é coordenador e assessor técnico do CAMP. Alessandro convive de perto com a realidade dos catadores e cooperativas onde o CAMP desenvolve projetos com parceiros da iniciativa privada. A seguir, ele conta um pouco sobre sua experiência.

Vento Sul – Foi uma experiência positiva?

Alessandro Soares – Não tenho dúvidas de que foi uma experiência muito positiva. Não somente por termos alcançado o resultado principal que é o aumento de renda dos catadores, mas também pelo aprendizado que todos nós tivemos. Tanto catadores como técnicos/educadores do CAMP e até mesmo as empresas parceiras/patrocinadoras dos projetos aprenderam, e muito, com essa experiência.

Vento Sul – Quais são os pontos fortes identificados na parceria?

Alessandro Soares – As parcerias firmadas em projetos dessa natureza, onde temos de um lado um público-alvo com diversas limitações, que vão da gestão de seus negócios, relações precárias com o poder público até estruturas ultrapassadas, e de outro o “sponsor”, empresas que investem em projetos de responsabilidade social, com o objetivo de cumprir o décimo primeiro fundamento da excelência, focadas em resultados. São dois “mundos” bem diferentes. Entre eles, uma organização não governamental que fez uma leitura correta desses dois “mundos”. Creio que o entendimento dessas partes em relação a todos os participantes dos projetos foi o ponto forte da parceria. Também podemos citar a boa compreensão dos catadores na assimilação das atividades dos projetos.

Vento Sul – Quais foram as principais necessidades dos catadores identificadas durante os projetos?

Alessandro Soares – Na aprovação do projeto estava previsto alguma iniciativa de melhoria que ia ao encontro das necessidades do coletivo. Incluíam-se equipamentos de reciclagem mecânica, como no caso de nossos projetos em Dois Irmãos e Campo Bom, e acompanhamento mais intenso, como em Esteio. Sempre foi necessário um diálogo com as prefeituras municipais, havendo a necessidade de mediar esses debates, muitas vezes com a presença das empresas parceiras, mostrando assim a importância dos projetos que estavam em execução. Destaco que o coletivo de reciclagem de Esteio amadureceu em termos de comunicação com o poder público e que a partir desse desafio o grupo conseguiu superar seus receios nessa relação.

“Entre eles, uma organização não governamental que fez uma leitura correta desses dois “mundos”. Creio que o entendimento dessas partes em relação a todos os participantes dos projetos foi o ponto forte da parceria.”



“ Enquanto CAMP, catadores e empresas parceiras atuam de forma mais rápida na resolução de seus problemas, as prefeituras não conseguem acompanhar esse ritmo, por questões burocráticas que são características desse tipo de sistema.”

Vento Sul – Quais foram os pontos fortes na construção do projeto entre empresários, ONG e sociedade civil?

Alessandro Soares – Destaco vários pontos fortes. Início pela compreensão da Braskem no entendimento da temática da reciclagem. Eles aprenderam e começaram a entender certos cuidados que o CAMP tinha com o projeto. Os catadores “compraram” o projeto, isso foi positivo, pois eles participaram ativamente da construção que foi toda pensada para eles e das decisões que foram tomadas durante a execução, isso aumentou a confiança deles. Por fim, houve aumento de renda, que é o objetivo dos projetos.

Vento Sul – E quais foram os pontos fracos na construção do projeto entre empresários, ONG e sociedade civil?

Alessandro Soares – O ponto fraco desses projetos, na verdade, não pode ser encarado como um ponto fraco, e sim uma questão de entendimento sobre a forma de trabalho e os tempos dos diferentes parceiros. Enquanto CAMP, catadores e empresas parceiras atuam de forma mais rápida na resolução de seus problemas, as prefeituras não conseguem acompanhar esse ritmo, por questões burocráticas que são características desse tipo de sistema.

Vento Sul – Houve conflitos nas ações?

Alessandro Soares – Sempre há algum conflito entre organizações diferentes, de cultura diferente. Isso é normal. O importante foi que com o andamento das ações do projeto, todos envolvidos começaram a entender melhor as necessidades de cada tipo de organização.

Vento Sul – Os movimentos se sentiram “manipulados”?

Alessandro Soares – Em nenhum momento.

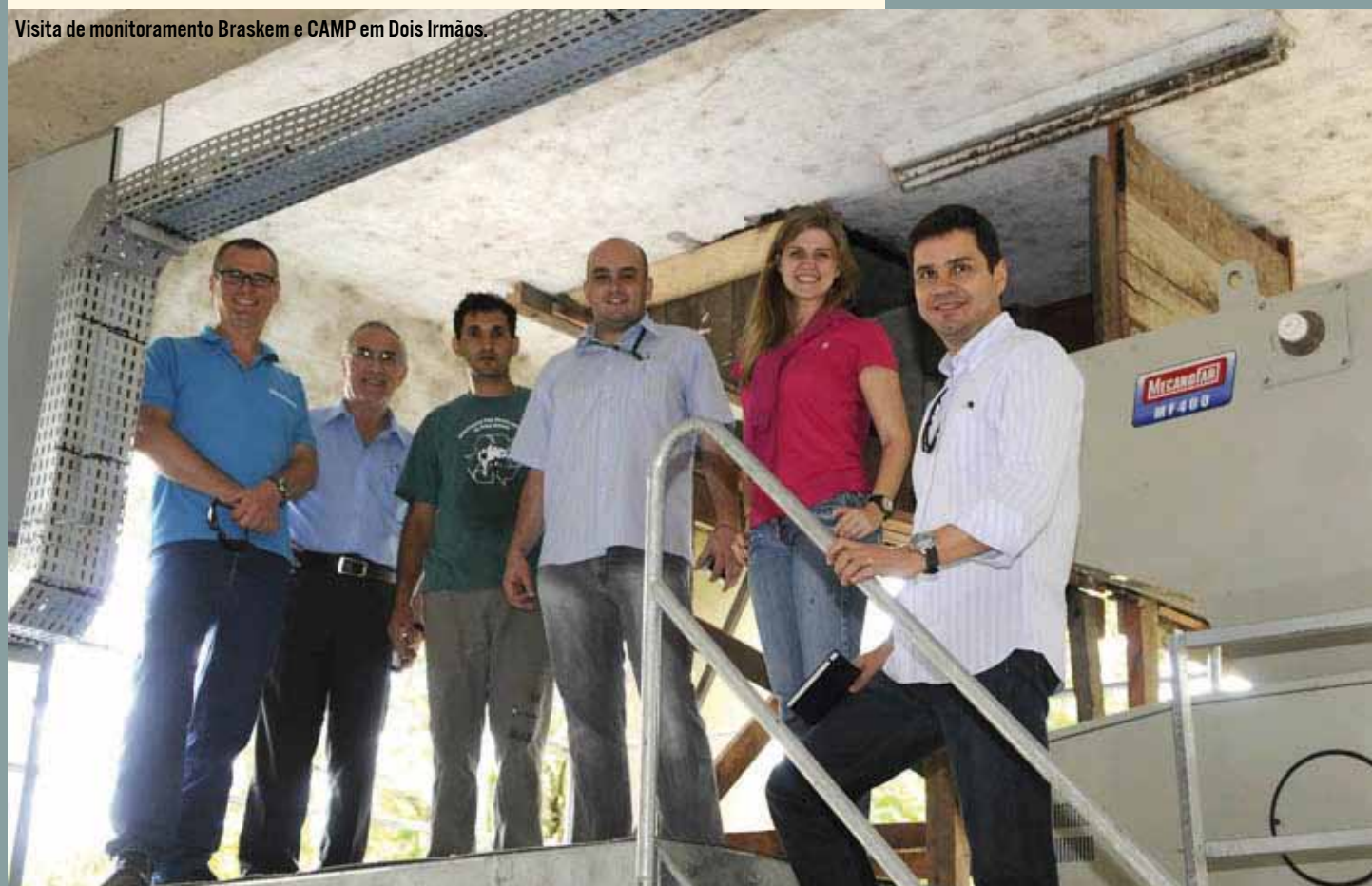
Vento Sul – Que tipo de contradições foi identificado?

Alessandro Soares – Não chamaria de contradição, mas de entender as necessidades. A Braskem, por exemplo, necessita expor periodicamente resultados numéricos aos seus diretores. Temos esses indicadores e ajudamos na coleta e exposição dos mesmos.

Vento Sul – Como foi seu início no trabalho de Coordenação de Projetos de Reciclagem do CAMP?

Alessandro Soares – *Com a participação do CAMP onde tivemos três rodadas de projetos na Rede de Parceria Social, em 2011, quando fomos comunicados que não faríamos mais a monitoria dos projetos do Instituto Vonpar, logo eu assumi a coordenação da equipe. Desde então, executamos um projeto com a Aliança Empreendedora, financiado pela Gerdau, este aplicado na associação (agora cooperativa) da cidade de Esteio, e emplacamos uma parceria direta com a Braskem S. A., onde o CAMP monitora e avalia os projetos de reciclagem mecânica dos plásticos, atuando em Campo Bom e Dois Irmãos.*

Visita de monitoramento Braskem e CAMP em Dois Irmãos.



REFLEXÕES ACERCA DA RELAÇÃO DO TERCEIRO SETOR COM A CADEIA PRODUTIVA



Assis Francisco de Castilhos

Graduação em Química Industrial pela UFRGS, mestrado em
Ciência e Engenharia de Materiais pela UFSC e doutorado em
Engenharia Química pela UFSC.

Qual a motivação que um colaborador de uma ONG tem para atingir as metas de desempenho de um projeto com elevado alcance social? Bom, se seu foco (do colaborador) está no processo que desempenha, pouco ou nada percebendo sobre o contexto do projeto, basta-lhe um bom salário e um bom ambiente para que a probabilidade em atingir as metas seja elevada. Desde que estas também não exijam que o colaborador ultrapasse seus limites intelectuais e temporais. Far-lhe-á diferença estar a colaborar num projeto em parceria com outras empresas conceituadas? Certamente, esses nomes ligados ao trabalho escravo dos hermanos bolivianos em nada irá modificar seu desempenho. Portanto e sendo repetitivo, basta-lhe um bom salário e um bom ambiente.

Há dois aspectos a serem analisados nessa situação: felizmente, não parece ser esse o perfil de quem está colaborando nas ONGs, pelo menos naquelas as quais tenho contato; por outro lado, estabelece-se o campo do

conflito ético entre quem toma as decisões estratégicas nas ONGs e quem toma as decisões táticas e operacionais, independentemente da forma como essas decisões são tomadas, ou seja, participativa ou representativa.

O objetivo deste trabalho não é o de estabelecer um paradigma para a relação entre o nível estratégico e os níveis subsequentes, mas trazer à discussão elementos de análise e reflexão para a tomada de decisão. Mas que decisão? Simples, trabalhar ou não com a determinada empresa privada.

Poderíamos partir de um posicionamento desequilibrado entre ideologia e pragmatismo, o que tornaria muito mais fácil escrever: basta adotar um dos extremos e se tem uma solução para o processo de decisão. Não há o que refletir.

Se uma determinada ONG adota o caminho do extremo pragmatismo econômico, tanto faz ser uma empresa que recentemente assinou um termo de ajustamento de conduta para com o Ministério do Trabalho e Emprego pelo seu

passado recente relacionado ao trabalho escravo, ou ser uma empresa que equilibrou a emissão de carbono de seus processos com a captura deste através do reflorestamento com espécies nativas em áreas degradadas. O fator de decisão é o financiamento ou não do projeto a ser desenvolvido pela ONG. Esse é um meio e não um fim. Fica fácil. Não se estabelece o conflito ético no processo de decisão, não obstante deixa de existi-lo.

Da mesma forma, no outro extremo, o do fundamentalismo ético, também fica fácil. A ONG não vai trabalhar como empresa, qualquer que seja esta. Toda a empresa deprecia o capital natural, transformando-o em capital físico ou manufaturado, pois só assim tem a possibilidade de gerar valor monetário futuro (para os que desenvolvem uma incômoda dissonância cognitiva com o termo “capital”, apesar de que aqui o mesmo é adotado não no sentido monetário, pense-o como um valor universal).

A empresa respira “lucro”, senão morre. O conflito entre



Sandra, trabalhadora da Cooperativa de Recicladores de Dois Irmãos.

capital natural e capital físico nasce da razão de ser da empresa. Se esta “morre”, o conflito desaparece. Mas há outros conflitos em jogo e são esses que se pode estabelecer para o campo de reflexão no processo de decisão. São eles¹: o capital natural, o capital físico, o capital manufaturado, o capital humano, o capital social, o capital cultural e o capital institucional.

O capital natural consiste na herança que os seres hu-

manos recebem da natureza em forma de recursos naturais terrestres, oceânicos e atmosféricos, que geram fluxos de funções e serviços ecossistêmicos de extremo valor para a humanidade. São exemplos de capital natural as florestas e suas funções reguladoras dos ciclos térmicos e da água no planeta.

O capital físico e o capital manufaturado consistem nos estoques de recursos manufaturados ou não (materiais)

que podem ser usados para produzir um fluxo de renda monetária. Os edifícios, as rodovias, os máquinas, as florestas de eucalipto para a produção de celulose, os animais para produção de leite etc. são exemplos de capitais físicos ou já manufaturados passíveis de geração de fluxos monetários futuros.

O capital humano compreende o conhecimento e a habilidade adquiridos que cada indivíduo traz de sua ativida-

¹ Conceitos de capital foram extraídos do livro *Economia do Meio Ambiente e Serviços Ambientais – Estudo aplicado à agricultura familiar, às populações tradicionais e aos povos indígenas*/Luciano Mattos, Marcelo Hercowitz, Editores Técnicos. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2011.

de, podendo diferenciar-se entre si: o aprendizado universitário é um capital humano diferente do aprendizado empírico que um agricultor adquire na sua prática cotidiana.

O capital cultural está fundamentado no processo de transferência de normas, valores e ideias entre gerações.

O capital social é percebido pelo conjunto de características, entre elas, confiança (*trust*), redes de engajamento cívico, regras e leis que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade nos processos de desenvolvimento. Manifesta-se, por exemplo, nos acordos comunitários informais e formais, característicos dos modos de vida e a quantidade de confiança que suportam esses acordos.

O capital institucional enfoca o suprimento de estrutura e habilidades organizacional que a sociedade tem à sua disposição. Pode ser visto como um subgrupo do capital social.

Sugiro a busca de uma posição de equilíbrio entre os benefícios/perdas coletivas e os benefícios/perdas pri-

vadas. Haverá situações que a decisão mostrar-se-á pela não relação, noutras, abraçar-lhe-á.

Valho-me, para tal, do pensamento de Paul Singer quanto a sua crítica social perante a economia solidária e a economia competitiva. O autor aponta como principal causa das mazelas sociais e ambientais o desequilíbrio entre essas duas visões da economia, não sendo necessário destruir aquela cujo lucro é o fim em detrimento daquela cujo lucro é um meio. Mesmo estando claro de que a primeira se apresenta cada vez mais limitada quanto à capacidade de pleno e digno emprego, a mesma se faz necessária para que haja o ponto de equilíbrio entre as necessidades individuais – entendida aqui como privadas – e as coletivas, na maioria das vezes conflitantes entre si. O equilíbrio depende da existência de ambas e não se faria necessário se as necessidades privadas pudessem deixar de existir, como muitos pregam ou pregaram.

Seria como se pudéssemos modificar a natureza humana.

A história recente nos ensina que o “fundamentalismo”, tanto ideológico quanto pragmático, do papel do estado na economia falhou: nem o que se aproxima dos 100% do estado, nem do 0% do estado.

Mas quanto de presença do estado na economia? E de que forma? A resposta pode passar também pelo papel das ONGs. As decisões que ocorrem na interface ONGs/estado não são aqui trabalhadas, mas nas últimas décadas do século passado cresceu a importância dessas organizações alternativas no atendimento às demandas sociais, ambientais e culturais, sur-

“Entre eles, uma organização não governamental que fez uma leitura correta desses dois “mundos”. Creio que o entendimento dessas partes em relação a todos os participantes dos projetos foi o principal ponto forte da parceria.”

gindo como uma estrutura institucional entre a sociedade demandante e a “fenda” deixada pela ineficácia do estado em estabelecer a oferta.

Assim, o estado cada vez mais investe num arcabouço legislativo que permite às empresas investirem nos projetos que fomentem programas oriundos das políticas públicas, utilizando para isso

verbas que seriam destinadas ao estado para realizá-los (dedução sobre impostos, subsídios no financiamento da produção com verbas públicas, entre outros).

Mas isso por si só talvez não fosse o suficiente para que houvesse motivação para as empresas investirem na criação de seus programas sociais e ambientais. As

empresas também o fazem porque há uma estratégia competitiva implícita. Hoje as estratégias empresariais não versam somente no seu produto ou serviço; há o apelo estratégico pela percepção do consumidor na hora de decidir pelo portfólio de produtos e serviços disponíveis pelo mercado. Essa percepção está carregada pela imagem



Inauguração do novo galpão e cozinha da Associação de Nova Santa Rita.





Tanque de lavagem em Dois Irmãos.

que o mesmo tem das empresas que o ofertam. Além das estratégias tradicionais, há o marketing buscando no apelo ambiental e social seu espaço de atuação pelo mercado consumidor.

Na relação ONG e empresas não há decisões livres, pois sempre há um conflito entre dois posicionamentos: o que se alcança com um determinado projeto como benefício para a sociedade e o que se fomenta na economia competitiva, que pode, digo, trazer desequilíbrio entre o individual e o coletivo, em favor do primeiro.

É refletir sobre o *trade off*

estrategicamente. É tomar uma decisão com completa compreensão tanto do lado bom quanto do lado ruim de uma escolha em particular. É buscar gerar o ganha e ganha em meio à natureza do perde e ganha do capitalismo. É tomar uma decisão que implicará, necessariamente, abrir mão de uma situação em favor de outra que gerará maior benefício. É deixar “comer” uma peça do tabuleiro social, contudo permitindo que a sociedade “ganhe” a vantagem de ter duas ou mais peças a mais na próxima jogada. Se for uma por uma, não há redução do desequilíbrio social

e ambiental, pelo menos no quadro desequilibrado atual. Uma por três, muda muito mais intensamente e maior é o benefício coletivo.

Por fim, entendo que este é o papel dos tomadores de decisão dentro das ONGs: primeiro, identificar o caminho para que o maior benefício coletivo se estabeleça quando o benefício privado vier a ocorrer, avaliando o alcance daquilo que esse coletivo perde com o último; segundo, entender o quanto esse caminho poderá promover o equilíbrio entre a economia solidária e a economia competitiva.



COLETA SELETIVA



De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), por encomenda do Ministério do Meio Ambiente, o Brasil perde cerca de R\$ 8 bilhões por ano por deixar de reciclar os resíduos que são destinados indevidamente aos aterros e lixões das cidades.

Diante desse cenário, a coleta seletiva surge como peça-chave para que o processo de reciclagem evolua e ocorra de maneira ideal, já que uma vez separado o lixo, cooperativas, ou até mesmo o próprio município, realizam de forma correta e eficaz a destinação do material. Assim, o resíduo tende a ser reaproveitado, aumentando de maneira significativa a vida útil dos aterros existentes.

Segundo o Compromisso Empresarial para Reciclagem (Cempre), o volume de material

reciclado passou de cinco milhões de toneladas, em 2003, para 7,1 milhões de toneladas, em 2008, o que corresponde a 13% dos resíduos gerados nas cidades.

Entre 2000 e 2008 houve um aumento de 120% no número de municípios com coleta seletiva, chegando a 994, sendo em sua maioria localizados nas regiões Sul e Sudeste do país.

Atualmente, apenas 327 municípios dispõem de algum sistema público de coleta seletiva. Dar um destino adequado ao lixo é um dos grandes desafios da administração pública em todo o planeta. Atualmente, compram-se muito mais produtos industrializados do que na década passada, incluindo alimentos e bebidas. Alguns países, porém, já descobriram como transformar objetos sem valor num grande negócio. Co-

nheça os principais processos de reciclagem, seus benefícios e os índices brasileiros e mundiais.

Quais cidades brasileiras podem ser tomadas como exemplos?

Os cinco municípios brasileiros onde a prefeitura faz chegar o serviço de coleta seletiva a 100% das residências são: Curitiba (PR), Itabira (MG), Londrina (PR), Santo André (SP) e Santos (SP). Em Curitiba, por exemplo, a fórmula que deu certo inclui o uso de caminhões que recolhem apenas o lixo seco, sem nenhum resto orgânico. O resultado: o lixo fica mais limpo e acaba vendido por um preço mais alto às indústrias de reciclagem. Isso ajuda a tornar o sistema de coleta seletiva em Curitiba mais barato (e viável) que o da maioria das cidades brasileiras.

QUE TAL PENSAR O APOIO A ORGANIZAÇÕES DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS COMO UM NEGÓCIO INCLUSIVO?

Coautoria: Larissa Boing, João Roque Neto e Camila Reis
Equipe do Projeto Reciclagem Inclusiva pela Aliança Empreendedora.
Colaboração: Luisa Bonin, Diretora de Comunicação.



Associação do Bairro Chocolate de Porto Alegre (2011).

Catadores de materiais recicláveis são empreendedores. É essa a visão que guia o trabalho que a Aliança Empreendedora vem desenvolvendo no apoio às cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis há 8 anos, quando apoiou a primeira organização de catadores em Colombo-PR, em 2005. Para poder atender às necessidades e dificuldades que as organizações de catadores enfrentam, a Aliança Empreendedora criou, aplica e dissemina uma metodologia de trabalho exclusiva para esse público, chamada “Caminhos da Reciclagem”.

Além dessa metodologia específica, a Aliança Empreendedora também busca a

inovação no desenho e no funcionamento do projeto. Para isso, aplica seu conhecimento e experiência no desenvolvimento de negócios inclusivos – iniciativas economicamente rentáveis que geram impactos sociais e ambientais positivos e que utilizam dos mecanismos do mercado para melhorar a qualidade de vida de pessoas de baixa renda. Esse conceito pode ser aplicado em projetos de apoio a organizações de ca-

tadores, na medida em que a reciclagem tem assumido um papel estratégico na gestão de grandes empresas e indústrias, e com isso, conquistando espaço nas estratégias de negócio de cada uma delas.

Esse olhar estratégico de empresas e indústrias para a reciclagem não é à toa, nem representa a maioria. É fruto do intenso trabalho organizado do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, da aprovação da

“*Catadores de materiais recicláveis são empreendedores.*”



Trabalho de triagem em Sapiranga.

Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS) e também das ONGs que trabalham essa temática no Brasil.

ONGs, como a Aliança Empreendedora, atuam como uma “ponte” entre os públicos envolvidos em todo esse processo: poder público, catadores, empresas e população. Essas organizações conhecem bem a realidade dos profissionais da reciclagem, discutem de perto as leis que regulam

o setor e têm conhecimento técnico na área. Assim, podem tanto ligar as empresas interessadas em investir em projetos nessa temática, aos catadores, bem como trazer ao mundo empresarial o conhecimento da realidade desses profissionais da reciclagem e indicar novos modelos de projetos que os incluam.

Por esse motivo, parcerias entre o terceiro setor, empresas e indústrias e organiza-

ções de catadores de materiais recicláveis são benéficas para todos os envolvidos.

O apoio às organizações, na prática, se dá através de capacitação, assessoria técnica, investimentos em infraestrutura e equipamentos, e sempre que possível, incentivo para que as empresas compartilhem com os catadores sua *expertise* empresarial. As experiências das empresas financiadoras em planejamento

e gestão, segurança do trabalhador, processo de formalização etc., quando aplicadas pelos catadores em suas organizações, podem melhorar a eficiência da associação ou cooperativa.

Nos projetos de negócios inclusivos, a Aliança Empreendedora e as organizações aliadas, ONGs parceiras na execução dos projetos, unem seus conhecimentos da realidade de vida dos catadores a uma linguagem e ferramentas didáticas adequadas, possibilitando com que o conhecimento empresarial e os demais necessários para o negócio se desenvolver cheguem às associações e cooperativas e sejam compreendidos e assimilados pelos beneficiados.

Ao participar desse tipo de projeto, as organizações de catadores, são instigadas a repensar seus processos de produção, comercialização e especialmente de gestão, que, quando melhorados, tornam seu negócio mais competitivo.

Uma das principais características do trabalho com catadores, pensado como um negócio inclusivo, é que não são só os catadores os be-

“O apoio às organizações, na prática, se dá através de capacitação, assessoria técnica, investimentos em infraestrutura e equipamentos, e sempre que possível, incentivo para que as empresas compartilhem com os catadores sua expertise empresarial.”

neficiados nesse processo. As empresas financiadoras dos projetos, além do benefício direto daquelas em que o material reciclável é uma matéria-prima essencial em sua cadeia de valor, ampliam suas parcerias institucionais e apoiam um setor em pleno crescimento.

Apesar do grande número de projetos sendo operados por diversas organizações no Brasil, ainda há muito a ser realizado. O número de catadores no país – que era de 150

mil, em 1997 – passou para 500 mil em 2004, com estimativa de ter chegado a 1 milhão em 2012. Com isso, aumenta também o número de catadores organizados em cooperativas ou associações. Em 2009, 40 mil catadores organizados foram cadastrados no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, e em 2012, eles já somavam 85 mil. Esse número é pequeno perante o universo de catadores que atuam de maneira individual, mas bastante ex-



Antiga Associação Profetas da Ecologia em Porto Alegre.



Trabalhos sociais na COOARLAS em Canoas.

pressivo. As organizações são as que buscam se estabelecer no mercado da reciclagem, o que deve crescer ainda mais com o fim dos lixões e com os incentivos contemplados na PNRS, previstos apenas para catadores organizados.

Mesmo com o que os catadores vêm conquistando e com os diversos modelos de apoio existentes, o crescente número de catadores organizados desafia a Aliança Empreendedora, as organizações aliadas e todo o terceiro setor a ampliar a visão das empresas sobre o investimento no apoio a organizações de cata-

dores. Pensar estrategicamente seus investimentos sociais aliados aos seus ramos de negócio ainda é um conceito muito novo para as empresas que pensam em responsabilidade social apenas como mais um setor, às vezes separado do todo. A boa notícia é que a PNRS tende a acelerar esse processo, pois agora as empresas precisam trabalhar sua logística reversa.

Outro desafio diário para o trabalho do terceiro setor na área, em busca de resultados e eficiência, é que haja a vontade de aprender, além da abertura para mudanças

por parte dos catadores associados ou cooperados. Por isso é tão importante realizar um trabalho abrangente com os catadores, utilizando uma metodologia que trabalhe o estímulo ao aprendizado e à mudança, como é o caso da metodologia “Caminhos da Reciclagem”, que desenvolve também conceitos de empreendedorismo entre os catadores.

Um dos modelos de operação de projeto de apoio a catadores que a Aliança Empreendedora pratica e que vem sendo procurado pelas empresas é os de organiza-

ções aliadas. Nesse modelo, a Aliança estabelece parcerias com ONGs nas regiões de localização das organizações de catadores que serão apoiadas, sendo essencial que essas organizações tenham histórico de atuação na área de reciclagem ou geração de renda. Dessa forma, se valoriza o conhecimento local e somam-se as experiências para atender da melhor forma possível às demandas das organizações de catadores apoiadas.

O estabelecimento de parcerias locais possibilita também a formação de uma rede de ONGs que atuam com reciclagem no Brasil. O resultado disso é a troca de conhecimento entre as mesmas e o fortalecimento do terceiro setor, à medida que os proje-

tos tornam-se mais eficientes, apresentam mais resultados e promovem a independência das organizações de catadores.

Uma das organizações aliadas da Aliança Empreendedora que tem contribuído diretamente para o sucesso desse modelo é o Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP), que se tornou parceiro em 2011, por meio do Projeto Reciclagem Inclusiva. O projeto é realizado em parceria entre a Gerdau e a Agência de Cooperação Alemã (GIZ) e executado pela Aliança Empreendedora e organizações aliadas e tem como objetivo ampliar o apoio à reciclagem na cadeia produtiva da Gerdau através do fortalecimento de organizações de catadores de

materiais recicláveis. Portanto, ao mesmo tempo em que a Gerdau apoia as organizações de catadores com assessoria e capacitação, compra a sucata ferrosa diretamente das organizações, eliminando os atravessadores e tornando a cadeia produtiva da Gerdau mais inclusiva.

Dentre os principais legados do Projeto Reciclagem Inclusiva e da replicação desse modelo está que, encerrado o projeto, a relação comercial entre a organização de catadores e a empresa financiadora perdurará, tendo como resultado catadores mais preparados para atuar no mercado e empresas com fornecedores mais profissionais e capacitados para atender sua demanda.

Trabalho de Triagem na COOARLAS Canoas.



VOCÊ SABIA ?

- Cada 50 quilos de papel usado, transformado em papel novo, evita que uma árvore seja cortada. Pense na quantidade de papel que você já jogou fora até hoje e imagine quantas árvores você poderia ter ajudado a preservar.
- Cada 50 quilos de alumínio usado e reciclado evita que sejam extraídos do solo cerca de 5.000 quilos de minério, a bauxita. Quantas latinhas de refrigerantes você já jogou no lixo comum até hoje?
- Com um quilo de vidro quebrado faz-se exatamente um quilo de vidro novo. E a grande vantagem do vidro é que ele pode ser reciclado infinitas vezes.
- A reciclagem economiza energia e matérias-primas. Há menos poluição do ar, da água e do solo.
- A reciclagem melhora a limpeza da cidade, pois o morador que adquire o hábito de separar o lixo dificilmente o joga nas vias públicas.
- A reciclagem gera renda pela comercialização dos recicláveis. Diminui o desperdício.
- A reciclagem gera empregos para os usuários dos programas sociais e de saúde da Prefeitura.
- A reciclagem dá oportunidade aos cidadãos de preservarem a natureza de uma forma concreta, tendo mais responsabilidade com o lixo que geram.
- Cada tonelada de papel reciclado representa 3 m³ de espaço disponível nos aterros sanitários.
- A energia economizada com a reciclagem de uma única garrafa de vidro é suficiente para manter acesa uma lâmpada de 100 W durante quatro horas.
- Com a reciclagem de uma lata de alumínio economiza-se o suficiente para manter ligado um aparelho de televisão durante 3 horas.
- Uma tonelada de papel reciclado significa economia de três eucaliptos e 32 pinus, árvores usadas na produção de celulose.
- Na fabricação de uma tonelada de papel reciclado são necessários apenas 2 mil litros de água, ao passo que no processo tradicional esse volume pode chegar a 100 mil litros por tonelada.
- O Brasil só recicla cerca de 30% de seu consumo de papel.
- O vidro é 100% reciclável, e o Brasil só recicla cerca de 14,2% do vidro que produz e consome.
- Cada tonelada de aço reciclado representa uma economia de 1.140 Kg de minério de ferro, 454 Kg de carvão e 18 Kg de cal, sem perda da qualidade.
- O processo de reciclagem diminui a poluição do ar em 75%, a poluição da água em 35% e reduz o consumo de energia em 64%.



